

POR QUE JOYCE?¹

Maria Teodora de Barros Oliveira²

Fiquei a imaginar o porquê do “Por que Joyce?”, tema proposto a nós, profissionais e estudiosos da Psicanálise. Então, dou vazão ao meu imaginário e me indago se a curiosidade da pergunta não se instalaria na curiosidade do “por que psicanalistas se interessariam por Joyce?”.

Indo além, desdobrando a frase, estariam as perguntas: o que fazem os psicanalistas e no que Joyce lhes deve atrair, no seu trabalho?

Freud sustentara insistentemente a exigência primordial da qualificação literária para a formação dos analistas, apontando no universo literário o lugar ideal para a sua instituição. Já é sabido de todos sua referência ao fato de que os poetas e escritores chegam primeiro aonde o psicanalista chega com o seu trabalho. A literatura é imprescindível ao analista. Refiro-me aqui, em lembrança, ao belíssimo texto sobre a *Gradiva*, de Jensen, escrito por Freud, mas rememoro também que Freud buscou na literatura, na tragédia grega de

¹ Trabalho apresentado em mesa redonda no IV Colóquio Cecília Meirelles, no Departamento de Letras da UFPE, em 12 de novembro de 2004.

² Psicanalista, é membro do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise.

Sófocles, sua referência, a inspiração, digamos assim, ao falar do Édipo, para falar da sua tese do romance familiar. Lacan, no seminário sobre o desejo e sua interpretação, refere-se a Hamlet para falar do fantasma do pai morto. E encontramos, em grandes escritores, como em Goethe, por exemplo, em *Afinidades Eletivas*, personagens cujas histórias nos lembram as que são faladas pelos analisantes.

O psicanalista trabalha com a palavra, ele recebe da fala seu instrumento, seu material de trabalho. Nós temos, na clínica, na prática da Psicanálise, como enfatiza o psicanalista Alduísio Moreira de Souza³ - responsável ele, aliás, pelo lançamento de *Finnigans Wake* no Brasil, em 1999, ocasião em que estivemos nesta mesma sala, aqui, reunidos – nesse seu último livro que lançou, *Precisões Clínicas em Psicanálise. O fazer clínico: uma obra de arte*, que temos na clínica “*uma arte narrativa escrita por palavras que se impõem ao sujeito, seja por significações, seja por pura literalidade*”. O psicanalista deve ouvi-la ao pé da letra, pelo que carrega de não simbolizado, isto é, de Real. Nessas palavras ditas pelo analisante, há uma ruptura, “*cifras desconhecidas irrompem, desvelando o sujeito como personagem desconhecido de si mesmo, o qual vai dar diversas acepções, de sentido,*

³ SOUZA, Alduísio Moreira. *Precisões Clínicas em psicanálise. O fazer clínico: uma obra de arte*. Gráfica Editora Pallotti. Santa Maria, RS.2004

dando forma histórica ao seu drama existencial. Fazem arte os analisantes. Artistas anônimos, buscam dar contas de um sofrimento, uma perda, por palavras já escritas no corpo, e por não terem sido verbalizadas, simbolizadas, enfim, provocam sintomas, mas que, ao final, com a análise, atam-se à letras, cujo exemplo maior é o nome próprio, quer dizer, os traços de ideal que seu nome comporta. O próprio de um nome pode ser um fonema, uma letra ou mesmo uma pura fonia”, um timbre de voz indeterminado que ficou em inscrição.[p.105/6]

Para Lacan, cf. citação de Philippe Julien⁴, “*o inconsciente nos lembra que, na vertente do sentido que na palavra nos fascina, o estudo da linguagem opõe a vertente do sinal*”. E Freud nos ensinou a ler sintomas, sonhos, atos falhos, chistes, “*como se decifra uma mensagem cifrada*”, um rébus. O sinal devendo “*ser decifrado como vindo em lugar de um outro sinal, que se torna assim apreensível em virtude de um processo de transferência ou de transposição: sinal por sinal, letra por letra*. Sendo esse o trabalho do inconsciente, em suas formações”[p. 103]. Daí que Lacan vai privilegiar a literatura que os autores criaram na língua, subvertendo-a, visando com isso apontar para o real que a palavra carrega, não privilegiando a dimensão

⁴ Philippe Julien in: *O Retorno a Freud de Jacques Lacan*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1993.

imaginária da ordem do sentido, especular, no enunciado, mas que se ouça a letra ao pé da letra, o lapso, para que se dê conta da enunciação.

E daí o encontro com Joyce. O que fez Joyce, a partir de *Ulisses*, e, mais radicalmente, de sua última obra, *Finnegans Wake*? Para além da beleza de sua escrita, de sua jocosidade, alegria que seu próprio nome já aponta – joy - e da sua irreverência, o que interessa em seus escritos aos psicanalistas? Diz

Lacan:

É pelo fato de os significantes se embutirem, se comporem, se engavetarem – leiam *Finnegans Wake* – que se produz algo que, como significado, pode parecer enigmático, mas que é o mais próximo daquilo que nós analistas, graças ao discurso analítico, temos de ler – o lapso”.

(J. Lacan, *in*: Mais... ainda, 1972.)

Lacan participou da primeira leitura da tradução francesa do *Ulisses* em Paris, em 1920. Disse que talvez procurasse ouvir Joyce “sem saber”. E, realmente, o “estilo” de Joyce foi aos poucos sendo manifestado no ensino de Lacan, para ilustrar os equívocos fônicos que são produzidos na fala, caminho por onde o inconsciente se mostra numa situação de análise, como verdade, verdade do sujeito falante, do seu desejo, verdade que fala mesmo a contragosto do

sujeito, produzindo situações desconfortáveis. Lacan⁵ observa que Joyce escreve frases onde o equívoco fônico translingüístico está presente, como por exemplo: “*Who ails tongue coddeau a space of dumbillsilly?*”- que a teria percebido como – “*Oú est ton cadeau, espèce d’imbécile?*” (Onde está teu presente, espécie de imbecil?). E foi em 1975/76, no último seminário proferido por Lacan integralmente, que ele nos mostrou o ápice de sua leitura de Joyce. Esse seminário tem por título uma palavra-valise, polissêmica, com possíveis significações: Le Sinthome (O Sinthoma). Carrega possivelmente o nome de Santo Tomás de Aquino e o santo homem, como o demonstra o psicanalista Alduísio Moreira de Souza, que freqüentou os seminários de Lacan: Le Sinthome, “*fônicamente, pelo inglês e francês: o pecado do homem ou homem pecador/ por pecado mortal (ptoma). É uma escrita que se diferencia do francês usual Le Synptôme (O Sintoma); é de ortografia antiga, supostamente latina, helenizada pelo sufixo Ptoma, remetendo em grego à morte, à queda, e mesmo à decadência. Vocábulo que foi revitalizado por Lacan para falar de Joyce parodicamente, procedimento característico do personagem joyciano*”. [p.36,7]. Lacan utiliza os escritos de Joyce para demonstrar uma possibilidade de inscrição, do dar-se um nome, de um amarramento das dimensões da fala, imaginária, simbólica e real, de sua

⁵ LACAN, J. Joyce o sintoma, in: SHAKESPEARE ,DURAS, WEDEKIND, JOYCE. Assirio & Alvim, Lisboa, 1989.

estrutura psíquica sem a qual uma possível loucura se manifestaria. E, ainda mais, utilizou-se em sua fala de jogos tais os que Joyce faz com a letra para mostrar o seu equívoco, vez que é o encontrável nas falas do analisante quando não consegue dar conta de uma dor que o aflige com as palavras que possui. Então, é aí quando o analisante cria, inventa algo, faz poesia. Para não ficarmos só nas referências abstratas, tomemos um exemplo joyciano, fruto descoberto em nossa leitura conjunta no grupo de Ulisses, e que foi motivo de júbilo:

-Madam, I'm Adam. And Able was I ere I saw Elba.

(Madame, eu sou Adão. E Abel era (estava) onde eu via Elba).

A partir de jogos homofônicos podemos ter:

Madam, I'M Adam. (Madame, eu sou Adão).

Mad am'I Adam? (Louco, eu sou Adão?)

Mad am'I dam? (Louco, eu sou um diabo (ou maldição))?

Madam, I'm a dam. (Madame, eu sou uma mulher (ou dama))?

Quantas possibilidades de enunciação nesse enunciado!

E, além disso, atentemos para o fato de que cada frase é um palíndromo. No entanto, não saberemos qual foi a intenção de Joyce ao escrevê-la pela razão da impossibilidade da intersubjetividade.

É, pois, da impossibilidade de o sujeito analisante expressar-se na língua que está à sua disposição para dar conta de um Real que o atormenta, que ele busca, na relação de alteridade que estabelece com o analista, condições em que possa criar, fazer com a língua, através do erro, das falhas do seu próprio dizer. São nas condições de erro, do equívoco na fala, embora erro não intencional, ainda que não ocorra sem uma causa, é nesse ato bem sucedido, como dizemos, que vai irromper o sujeito, que ele cria na língua, através da simbolização de um Real que insiste.

Obrigada.

Recife, 12 de novembro de 2004.

Departamento de Letras. UFPE.

IV Colóquio Cecília Meireles.

